

BLOG “ESCOLA SEM PARTIDO” E QUESTÕES DE GÊNERO PARA A EDUCAÇÃO DA INFÂNCIA

Eixo Temático Sexualidades e gêneros na educação das infâncias

Yasmin Serra Lino¹
Constantina Xavier Filha²

RESUMO

Nesta produção buscamos analisar as identidades de gênero da criança expressas no blog oficial do “Escola sem Partido” – ESP. Recorremos aos campos dos Estudos de Gênero e Estudos Culturais como aporte teórico, utilizando como principais conceitos Artefatos Culturais e Gênero. Como referencial metodológico recorremos às teorias pós-críticas e como fonte o blog oficial da ESP. Para a análise realizamos a leitura de todos os 727 artigos presentes no blog, destes selecionamos previamente 89, que traziam como temática gênero e/ou sexualidade. Para a análise, elegemos 21 artigos que discorriam sobre gênero e/ou sexualidade e crianças. Após imersão na fonte, propomos dois agrupamentos para problematização.

Palavras-chave: Escola sem Partido; gênero, blog, infâncias.

INTRODUÇÃO

Este resumo pretende descrever a análise de parte de uma pesquisa de mestrado³ desenvolvida em um Programa de Pós-Graduação em Educação no interior do Brasil. A temática da pesquisa é Gênero na Escola sem Partido no Brasil. O objetivo geral do estudo foi o de identificar que identidades de gênero da criança são construídas e que estão presentes em dois produtos culturais da Escola sem Partido (doravante ESP): o blog oficial e os projetos de lei. A base teórica da pesquisa fundamentou-se a partir dos Estudos Culturais e Estudos de Gênero. Utilizando como pressuposto metodológico a netnografia, fizemos a imersão no blog oficial da ESP, realizando a leitura de 727 artigos publicados. Por fim, com o aporte documental selecionado, realizamos o levantamento de alguns Projetos de Lei.

¹ Graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, yasminserra41@gmail.com;

² Orientadora, Pós-doutorado em Educação. Professora da FAED/UFMS. tinaxav@gmail.com.

³ Pesquisa financiada através de bolsas fornecidas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

Neste resumo optamos por fazer um recorte da pesquisa mais ampla. Em decorrência disso, apresentaremos resultados encontrados nas análises do *blog*. Seleccionamos 21 artigos publicados pela ESP e desenvolvemos um movimento de análise que nos propiciou pensar em dois agrupamentos a partir de ideias recorrentes nesses artigos: (i) ideologia de gênero e normalização do ser menino e ser menina e (ii) a heterossexualidade como norma para a construção das identidades de gênero das crianças. Para tanto, sustentamo-nos em dois conceitos: Artefatos Culturais e Gênero.

Para melhor entendimento das problematizações que realizamos, apresentaremos um breve histórico da ESP. Logo após, desenvolveremos sobre os aspectos teóricos da pesquisa.

Conforme Katz (2017) o momento de emergência do Escola sem Partido foi a denominada “Carta ao Professor Iomar”. Um texto redigido por Miguel Nagib em 2003 em resposta ao professor de sua filha que teria comparado, em momento de aula, Che Guevara e São Francisco de Assis. Tal comparação incomodou Nagib, que elaborou uma resposta em forma de carta aberta denunciando a conduta do professor por “doutrinação ideológica”, imprimindo 300 cópias da carta e distribuindo-a em frente à escola para pais e mães.

O *blog* oficial do Escola sem Partido apresenta informações de que a Escola sem Partido é uma iniciativa de pais, mães e estudantes preocupados/as com a suposta propagação político-ideológica nas escolas brasileiras, do ensino básico ao superior. As informações contidas no *blog* são enfáticas na descrição de que se autodenomina como uma associação informal, sem fins lucrativos e sem teor político, ideológico ou partidário.

Teoricamente, para analisarmos que identidades de gênero das crianças a ESP preconiza no *blog* oficial, recorreremos a conceitos que nos ajudam a pensar e problematizar esta questão: artefatos culturais e gênero. Analisar o *blog* da ESP como um artefato que carrega significados, apresenta a possibilidade de entendermos quais discursos perpassam a ESP, e que são produzidas por ela, sobre gênero e sexualidades e que identidades de gênero da criança a organização pretende constituir em suas publicações.

Na pesquisa, entendemos por artefatos culturais o que Joanalira Magalhães e Paula Ribeiro (2013, p. 22) desenvolvem como:

[...] resultados de um processo de construção social. Nessa perspectiva, as revistas, programas de televisão, músicas, imagens, livros, filmes, jornais, entre outros são considerados artefatos culturais, pois são constituídos por representações produzidas a partir de significados que circulam na cultura. [...] entendemos que os artefatos culturais produzem significados do que é ser homem, mulher, homossexual, negro, índio, gaúcho, entre outras identidades. São essas construções, produzidas no interior de determinados discursos e práticas sociais imbricadas em relações de poder, que instituem os sujeitos e a cultura.

Partindo do que as autoras conceituam como artefato, ou seja, algo construído na cultura e que produz significados sobre os sujeitos e práticas sociais, entendemos o *blog* oficial da ESP como uma construção social que produz e reproduz significados por meio de discursos permeados em relações de poder. Discursos que caracterizam, delimitam e estabelecem verdades sobre gêneros e sexualidades, entre outras questões e pautas.

Entendemos o conceito de gênero a partir dos escritos de Louro (1996, p. 2):

[...] não pretende significar o mesmo que sexo; ou seja, enquanto sexo se refere à identidade biológica de uma pessoa, gênero está ligado à sua constituição social como sujeito masculino ou feminino [...]. O conceito passa a acenar também imediatamente para a ideia de relação; os sujeitos se produzem em relação e na relação.

Ainda, para Louro (1996), o gênero é relacional e diz respeito à construção social do masculino e feminino, visto como parte das identidades que compõem o sujeito, que se difere do sexo, que alude à identidade biológica. Utilizamos esse conceito abrangendo a questão binária de masculino e feminino, mas pensando como uma questão identitária, ou até da negação de pertencimento a uma dessas denominações.

Louro (1997) apresenta que discursos sobre gênero tendem a abarcar questões de sexualidade, no entanto, delimita que há distinções entre gênero e sexualidades, ou entre identidades de gênero e identidades sexuais. Tais identidades são interrelacionadas, mas distinguem-se entre si. Os sujeitos masculinos e femininos podem ser homossexuais, heterossexuais, bissexuais, assexuais etc. Para a autora as identidades são sempre construídas, não sendo estáveis ou estáticas, além de serem múltiplas e contraditórias entre si.

Na próxima sessão apresentaremos a netnografia e os passos que delineamos para realizar a pesquisa.

Netnografia e os passos da pesquisa

Na nossa pesquisa utilizamos a netnografia para a análise do *Blog*. Segundo Shirlei Sales (2014), netnografia é um modo de etnografia que se aplica em ambientes virtuais. Conforme a autora, essa ferramenta utiliza conceitos da etnografia, mas de forma ressignificada e adaptada às demandas do ambiente virtual, entendendo-o como local possível de trabalho de campo.

Nesse sentido, foi empreendida uma pesquisa minuciosa em todo o *blog* oficial da ESP em busca de textos e vídeos que apresentassem considerações sobre gênero e sexualidades.

Elaboramos fichas técnicas para coleta de informações, servindo como meio de identificar que identidades de gênero são produzidas pelas fontes para posterior análise e problematização.

Desenvolvemos fichas de análise e definimos agrupamentos das informações. Realizamos a leitura de todo o conteúdo presente no artefato cultural. Lemos os artigos presentes no *blog* buscando identificar os que de alguma forma apresentavam considerações sobre gênero e/ou sexualidade.

Nessa leitura inicial, produzimos tabelas que constam o nome do artigo, a autoria e a data de publicação e um breve resumo. Ao todo organizamos 15 categorias presentes no site, totalizando 727 artigos. Esses artigos apresentam múltiplas temáticas: sobre a exigência de neutralidade nas escolas e apartidarismo político das/os professoras/es; sobre alienação parental; denúncias a docentes e instituições de ensino, públicas e privadas, da rede de Educação Básica e do Ensino Superior; sobre marxismo cultural; ambientalismo e gênero e sexualidades.

Selecionamos 21 artigos que tratam sobre as questões de gênero e/ou sexualidades, procurando entender como as identidades de gênero estão presentes nessas publicações. Para tanto, elaboramos fichas de análise específicas as quais utilizamos para organização e identificação dos agrupamentos próprios para análise. Notamos que nas publicações selecionadas há duas ideias que perpassam a construção das identidades de gênero que são produzidas pelo discurso da ESP. Na próxima sessão discorreremos sobre os agrupamentos de análise.

A “ideologia de gênero” e a heterossexualidade como norma

O primeiro agrupamento analítico com temática recorrente nos *posts* do *blog* demonstra o empenho da ESP de pretender *fixar as identidades de gênero de crianças de modo binário*, descrevendo o que consideram ser “coisas de menino” e “coisas de menina”. A ESP expõe e critica ações, sejam governamentais, sejam de agentes do Estado, como professoras e professores, que pretendem desnaturalizar e questionar assimetrias presentes neste binarismo de gênero que coloca meninos e meninas em desigualdade. A organização tenta banir do espaço escolar toda discussão que coloque os gêneros e as sexualidades em pauta, alegando que são assuntos complexos para os/as alunos/as mesmo quando a demanda parte deles.

Muitas vezes apelam para o *slogan* da chamada “ideologia de gênero” para tal empreitada. Um discurso muito utilizado pela ESP é a negação da discussão de gênero nas escolas por causa do temor da inculcação da “ideologia de gênero” nas crianças. A organização

se apoia em acusações de que instituições educativas brasileiras estão de fato promovendo essa ideologização.

Segundo a ESP, expressa no *blog*, a “ideologia de gênero” é uma “nova arma” de organizações de esquerda que estabelecerá que as diferenças entre meninos e meninas são “invenções” culturais sem “diferença biológica ou natural”. É necessário discorrermos mais pausadamente sobre o que vem a ser a chamada “ideologia de Gênero”.

Para Junqueira (2017), teoria/ideologia de gênero não é um conceito científico. Para o autor este *slogan* tem cumprido um papel de perseguições e ridicularizações contra pessoas ou instituições que discutem e propõe implementações de políticas públicas, sociais e/ou pedagógicas que vão de encontro aos valores morais e religiosos habituais defendidos pelos/as participantes desse movimento. O discurso contra a “ideologia de gênero” foi assimilado pela ESP deixando explícito o interesse da organização em proibir as discussões relacionadas a gênero e sexualidades na escola.

A ESP demonstra interesse que a escola continue a reproduzir as identidades de gênero que estejam alinhadas com a norma. Para isso, se apoia em um discurso que proíbe quaisquer discussões que tentem desestabilizar, problematizar e desconstruir uma feminilidade e uma masculinidade para além do biológico, e impossibilita o entendimento de que meninos e meninas possam ser o que quiserem ser.

O segundo agrupamento, *a heterossexualidade como norma para a construção das identidades de gênero da criança*, diz respeito a uma temática também recorrente nas publicações da ESP, que destaca a existência de uma orientação sexual correta: a heterossexual, ligando obrigatoriamente o ser menino, ser menina, ao ser heterossexual. Discursos que intentam ser inclusivos e plurais com possibilidades de outras orientações sexuais são rechaçados e alocados como prejudiciais para o desenvolvimento “natural” das crianças.

É necessário salientar que, apesar da proximidade, gênero e sexualidade são conceitos diferentes. Para a ESP há uma sexualidade “correta” e “normal”, a saber: a heterossexualidade. Ela estaria diretamente ligada à identidade de gênero, esperada para meninas e dos meninos a partir do preceito biológico. Este processo de constituição identitária e subjetiva estaria no âmbito “natural”, universal e possível de ser vivido por todas as pessoas. A escola, por sua vez, estaria proibida de discutir essas temáticas por dois motivos, o primeiro para não interferir nessa construção ‘natural’ das crianças e, o segundo, por ser um direito exclusivo dos pais e das mães, ao ambiente privado, falar ou não sobre esses assuntos que são considerados de âmbito íntimo.

Para a ESP, não há possibilidade de se pensar outras sexualidades dentro do espaço escolar, pois isso feriria a moral familiar, o desenvolvimento “natural” e “saudável” das crianças, ignorando a liberdade de todas as crianças de se constituírem nas mais diversas possibilidades de identidades de gênero para além do referido binarismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta produção investigamos as publicações do *blog* oficial da ESP em busca de identificarmos e analisarmos as identidades de gênero de crianças expressas e produzidas em seus escritos. Apoiadas teoricamente pelos Estudos Culturais e Estudos de Gênero, empreendemos uma busca em aspectos dos discursos da ESP que nos possibilitassem demonstrar que identidades de gênero de crianças são delimitadas e produzidas nos postulados da organização representadas nos escritos publicados no *blog* em questão.

No primeiro agrupamento, apontamos o empenho da ESP em solidificar o binarismo de gênero embasado unicamente no aspecto biológico, estabelecido na norma que valida assimetrias entre homens e mulheres calcados nas diferenças biológicas. Assim, a organização mantém um posicionamento de “caçar, expor e processar” professores e professoras e instituições que tentam suscitar um diálogo sobre as desigualdades de gênero e sexuais.

No segundo agrupamento demonstramos o esforço da ESP em naturalizar a heterossexualidade como parte constituinte do ser menino e ser menina, das identidades de gêneros das crianças. Não há outras possibilidades de afetos e qualquer que seja a discussão sobre orientações sexuais não deve ter espaço na escola, pois consideram que as questões de ‘cunho moral’ devem ser discutidas especificamente pelos familiares das crianças

Após a imersão no campo dos estudos, os agrupamentos propostos sintetizam aspectos que constituem a identidade de gênero infantil que coadunam com as identidades de gênero socialmente estabelecidas e que vêm a muito tempo sendo questionadas pelos estudos acadêmicos. A ESP empreende um esforço em não possibilitar as discussões que desconstroem esse único modelo de identidade de gênero, tornando-se dessa forma expressões de violência e exclusão.

REFERÊNCIAS



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A invenção da “ideologia de gênero”: a emergência de um cenário político-discursivo e a elaboração de uma retórica reacionária antigênero. **Rev. psicol. polít.**, [S. l.], v. 18, n.43, 2018.

KATZ, Elvis Patrik. **Escola sem partido**: uma análise das investidas de poder sobre as identidades docentes. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande, Porto Alegre, 2017. Disponível em:
<http://sistemas.furg.br/sistemas/sab/arquivos/bdtd/0000012033.pdf>.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Nas redes do conceito de gênero. *In*: LOPES, Marta Júlia *et al.* **Gênero e saúde**. Porto Alegre: Artes médicas, 1996.

MAGALHÃES, Joanalira Corpes; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Artefatos Culturais: Algumas possibilidades para a promoção de uma educação para sexualidade. **Diversidade e Educação**, Rio Grande do Sul, v.1, n. 1, jan/jun. 2013.

SALES, Shirlei Rezende. Etnografia+netnografia+análise do discurso: articulações metodológicas para pesquisar em Educação. *In*: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (org.). **Metodologias pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.